COMUNICAÇÕES COORDENADAS

RESUMOS

OS RESUMOS AQUI APRESENTADOS SÃO DE INTEIRA RESPONSABILIDADE DOS AUTORES

PROJETO ATEPAR: PRIMEIROS RESULTADOS

27 – 16h30 – C19

Maria Antonieta Carbonari de ALMEIDA (UEL) – Coordenadora
Ivone Alves de LIMA (UEL)
Ignez de Abreu FRANCISQUINI
João Antonio Leite RAMOS (UEL)

Pelos caminhos do Paraná: esboço de um atlas toponímico – ATEPAR" tem como objetivo fazer um levantamento dos topônimos - nomes de rios, serras, vilas, bairros – paranaenses e classificá-los de acordo com a taxionomia proposta por Dick, com vistas à confecção de um atlas toponímico, o qual será um registro da motivação que norteou a escolha de um determinado nome. Ao mesmo tempo, a pesquisa reveste-se de um caráter etnográfico, na medida em que revela traços dos usos, costumes e tradições populares dos colonizadores e dos atuais habitantes da região. Foram enviadas correspondências às prefeituras, solicitando dados; dos municípios contactados, 80 % atenderam o pedido e a equipe, composta por professores e alunos da Universidade Estadual de Londrina, já analisou e digitou os dados em um programa elaborado pelo Núcleo de Processamento de Dados desta instituição. A partir dos dados, apresentaremos: (a) uma análise dos relatórios emitidos pelo programa; (b) três cartas geográficas com alguns aspectos toponímicos; (c) a presença de antropotopônimos nos municípios da região noroeste do Paraná; (d) a ocorrência de corotopônimos: influência dos nomes do acidentes físicos na nomeação de aspectos urbanos (bairros).

AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM E ESCRITA

28 – 16h30 – C16

Pascoalina Bailon de Oliveira SALEH (UEPG/PG-UNICAMP) – Coordenadora
Zelma Regina BOSCO (PG–UNICAMP)
Ana Cristina de AGUIAR (PG–UNICAMP)
Maria Christina de Mello MIDENA (PG–UNICAMP)

As comunicações que compõem esta sessão tocam, segundo diferentes perspectivas, a aquisição da escrita. Do ponto de vista teórico, elas partilham a concepção interacionista em Aquisição de Linguagem (Lemos, 1992; Pereira de Castro, 1996). Bosco baseia-se em produções pré- escolares longitudinais para pré-silábico. Ela busca questionar a ruptura entre desenho e escrita postulada por Ferreiro como necessária á configuração da escrita enquanto sistema específico. Ao contrário de Ferreiro, aponta para um entretecimento, constitutivo da escrita inicial, entre os traços do desenho e da letra. Aguiar parte de dados produzidos em uma oficina de leitura e produção de textos realizada no HC/UNICAMP com crianças para lá encaminhadas com queixas de "problemas de aprendizagem". Ela defende que o que estava sendo interpretado como "problemático" pode, na verdade, constituir-se em rico material de investigação sobre a gramática – não no sentido normativo ou prescritivo, ressalte-se – que subjaz á escrita. Já Saleh, a partir de textos produzidos por crianças de séries iniciais, enfoca a relação entre relato e experiências vividas na aquisição de narrativas escritas, discutindo o papel da linguagem na configuração textual dessas experiências. A análise de dados procura mostrar que o funcionamento lingüístico garante a singularidade da estruturação da criança na sua relação com a linguagem e com o mundo. Finalmente, Midena indaga, por exemplo, sobre o estatuto da escrita e o papel do outro na aquisição da linguagem pelo surdo congênito e sobre a questão da interpretação e sua especificidade no contexto da clínica fonoaudiológica. Uma primeira análise de dados longitudinais aponta para uma relação constitutiva entre os diversos textos que circulam na interação clínica, produzidos pela fonoaudióloga e pelo surdo, além daqueles selecionados para leitura e para a prática da escrita.

DO LÉXICO À PRODUÇÃO DO SENTIDO

28 – 16h30 – C19

Guiomar Fanganiello CALÇADA (USP) – Coordenadora
Angela Maria Tenório ZUCCHI (PG–USP)
Márcia Sipavicius SEIDE (PG–USP)
Maria do Rosário Montes GALLEGO (PG–USP)
Maria Vicentina de Paula do Amaral DICK (USP)

A elaboração, a compreensão e a interpretação das mensagens orais e escritas está intimamente relacionada com o domínio do léxico de uma língua, entre outros aspectos. Com vistas à ampliação da competência lexical dos falantes de português, primeira ou segunda língua, o estudo do léxico geral e especializado será abordado a partir de diferentes pontos de vista. As unidades lexicais serão focalizadas nos níveis conceitual, sintático-semântico e funcional --- nomes comuns e próprios, coligações gramaticais, associações semânticas e variedades de uso. Como resultado dos estudos serão apresentadas algumas sugestões metodológicas de atividades de natureza didático- pedagógicas para estudantes de português, modelos de fichas lexicográficas e questionários de entrevistas com base no material de pesqusa utilizado.

VARIAÇÃO LEXICAL E FONÉTICA NUMA PERSPECTIVA GEOLINGÜÍSTICA

28 – 16h30 – D24

Vandersí Sant'Ana CASTRO (UNICAMP) – Coordenadora
Fabiane Cristina ALTINO (PG–UEL)
Flávia Adriane S. CABRAL (PG–UEL)
Fádua Moisés LINO (PG–UEL)
Rosa Evangelina S. B. RODRIGUES (PG–UEL)

Cresce o interesse dos pesquisadores de diversas IES brasileiras pelos estudos semântico-lexicais, fonético-fonológicos e morfossintáticos do português brasileiro baseados em *corpora* de atlas lingüísticos. Nesta sessão, Castro focaliza o estudo das ocorrências de hipercorreção no *Atlas Lingüístico do Paraná* - ALPR - (Aguilera:1994), relativas aos itens *árvore, teia* e *arco-íris*, procurando avaliar em que medida tais registros estariam correlacionados com características sociais dos falantes – sexo, idade e grau de escolaridade. Os dados suscitam ainda uma reflexão de ordem metodológica concernente à sua própria ocorrência em material de natureza geolingüística. Altino e Cabral analisam os primeiros resultados, nos níveis lexical e fonético, dos dados da pesquisa para o *Atlas Lingüístico de Adrianópolis*, comparando-os às cartas semelhantes do ALPR. Trata-se de um município paranaense localizado às margens do rio Ribeira, nos limites com o Estado de São Paulo, o último a receber ligação asfáltica, favorecendo, assim, formas lingüísticas mais conservadoras. Lino expõe seu Projeto do *Atlas Lingüístico de Cândido de Abreu*, município localizado no centro paranaense, que se caracteriza por uma composição étnica particular, mas muito comum no sul do Estado (alemães, poloneses, ucranianos e caboclos descendentes de portugueses), buscando, na comparação com os dados do ALPR, a mudança ou conservação da linguagem com dados do tempo real. Finalmente Rodrigues, para a constituição de um *Glossário da Fala Paranaense*, relata os resultados de um levantamento lexical nas obras de Andrade Muricy (1938), *Algumas Vozes Regionais do Paraná do Extremo-oeste* e de Filipak (1978), *Glossário do Vale do Iguaçu*, discutindo-os com base nos princípios da semasiologia e da onomasiologia.

"UNIDADES DE INFORMAÇÃO" NA FALA E NA ESCRITA

27 – 16h30 – D27

Maria Beatriz Nascimento DECAT (PUC/MINAS) – Coordenadora
Vanda de Oliveira BITTENCOURT (PUC/MINAS)
Célia Rosa (PG–PUC/MINAS)
Nair Cristina Carlos de MEDEIROS (PG–PUC/MINAS)

Considerando-se a função comunicativo-interacional da linguagem, propõe-se discutir, aqui, a constituição dos blocos de informação na cadeia discursiva e o papel por eles exercido a serviço daquela função. Tais blocos _ ou " unidades de informação"_ constituem "jatos de linguagem" portadores de toda a informação que o falante é capaz de reter num único 'estado de consciência', ou foco de "consciousness". Caracterizando-se sintaticamente como cláusulas, de modo geral, e articulando-se em relações núcleo-satélite, em diferentes níveis, as unidades de informação organizam-se textualmente, refletindo, muitas vezes, um reajuste sintático determinado por função pragmático-discursiva. A partir do exame de diferentes tipos de *corpus* de fala e de escrita, coletados sistemática e assistematicamente, objetiva-se mostrar, numa abordagem funcionalista, como se articulam as unidades de informação em termos: a) da combinação de cláusulas, focalizando a diferenciação entre encaixamento e hipotaxe, com vistas a explicar o 'desgarramento' da cláusula subordinada na língua escrita; b) de elementos delimitadores dessas unidades, apontando o emprego do neologismo "tipo(assim)" que, recategorizado, exerce papéis de caráter informativo, interativo e argumentativo; c) da estruturação dos 'turnos conversacionais' numa manifestação lingüística mediada por computador, num *corpus* constituído de conversas espontâneas realizadas através do programa de bate-papo ICQ; d) do processo de retextualização no registro e transcrições de textos produzidos em sessões plenárias do Tribunal de Contas-MG, considerando mecanismos que interferem na estruturação das "unidades de informação". Com tal análise, pretende-se contribuir para uma melhor visão do discurso, em termos de sua estruturação sintática, de sua produção e construção de sentido pelo usuário.

A LINGUISTICA E OUTROS SABERES

28 – 16h30 – D28

Lenita R. ESTEVES (UNICAMP) – Coordenadora
Cristina MAGRO (UFMG)
Nícia A. BONATTI (UNICAMP).
Nina V. LEITE (UNICAMP)
Viviane VERAS (UNICAMP)

É certo que a Lingüística é uma das disciplinas que compõem o conjunto das Ciências Humanas. Mas também é certo que, na Lingüística, o qualificativo "humano" tem um sentido especial, uma vez que, nessa ciência, o falante é um falante ideal, desincorporado, desprovido justamente de sua história, de sua contingencialidade, de seu emocionar-se, de sua identidade e de sua autonomia, características essas que podemos apontar como sendo de fato "humanas". Argumenta-se aí que só se pode fazer ciência de objetos de estudo idealizados, abstratos e independentes. Argumenta-se que à ciência cabe especificar o que constitui sua essência mesma, negligenciando o que é feito variar. Mas isto não é necessariamente assim, e hoje não tem parecido suficiente nem desejável explicar/descrever a fenomenologia humana com esses recortes desgastados, uma vez que o resultado de sua utilização tem sido um reducionismo complicador, e não esclarecedor, daquilo que se pretende compreender. As diversas exposições que compõem esta sessão irão articular a Lingüística com diferentes saberes sobre a linguagem e o falante, pondo-a em diálogo com modos de pensar a linguagem estranhas a disciplina. Há aqui uma opção pelo viés do "demasiadamente humano", de que nos fala Nietzsche. Entendemos que aquilo de que a Lingüística teve de se desembaraçar para constituir seu objeto pode e deve retornar, não como margem, ou como suplemento, mas apontando para uma reconfiguração do campo. Falaremos desses retornos, da necessidade e da (im)possibilidade de uma reinscrição desse "humano".

AQUISIÇÃO DA ESCRITA: CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E PRINCÍPIO ALFABÉTICO

28 – 16h30 – C15

Sílvia Dinucci FERNANDES (UNESP) – Coordenadora
Vera Lúcia GARCIA (USC/UNIFESP–EPM)
Érica Maio TAVEIRA (PG–UNESP)
Marlene Aparecida VISCARDI (PG–UNESP)

De acordo com Morais (1994), a consciência fonológica e o conhecimento do código alfabético surgem simultaneamente, influenciam-se e reforçam-se mutuamente e, juntos, contribuem para o sucesso da aquisição da língua escrita. Para que esse processo efetivamente aconteça, a criança precisa desprezar o conteúdo da palavra e focalizar a atenção sobre a forma lingüística. Ao mesmo tempo que percebe que a cada som corresponde uma letra, entende, também, que os fonemas e os grafemas obedecem uma certa seqüência e qualquer alteração nessa seqüência produz uma palavra diferente. Dessa maneira, desenvolve a capacidade de associar elementos fônicos e elementos gráficos, tornando-se metalingüisticamente consciente. A produção gráfica da criança constitui um traço visível que deve ser interpretado, um traço parcial de conhecimentos complexos e implícitos. Por meio dela é possível observar como se desenvolvem essas habilidades de consciência fonológica e como isso interfere na aquisição da escrita. Para apreender o princípio alfabético, a criança deve ser capaz de segmentar as palavras que conhece em elementos fonêmicos que as letras representam. Todo esse processo exige uma evolução cognitiva muito mais geral e que se refere à percepção de mecanismos funcionais. O mais importante é observar e analisar a evolução de competências alfabéticas, ou seja, o reconhecimento das propriedades formais das palavras. A maior dificuldade da criança com déficits de aprendizagem (alfabetização inicial) reside exatamente na diferenciação e na articulação das unidades estritamente funcionais.

HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: LEITURAS

27 – 16h30 – C17

Dina Maria Martins FERREIRA (Mackenzie–SP) – Coordenadora
Inez SAUTCHUK (Mackenzie–SP)
Luiz Antonio FERREIRA (PUC/SP)
Cibele Mara DUGAICH (UNIP/SP)

O universo de possibilidades de análise das histórias em quadrinhos, ainda que recuperado há algum tempo, continua a oferecer um leque muito grande de leituras. Dentre elas, aquelas sustentadas por linhas teóricas da análise do discurso, da retórica e da lingüística textual. Pode-se, assim, demonstrar como atuam e como se portam, por exemplo, as figuras de heróis e super-heróis tanto em caminhos textuais das H.Q. sob a ótica da argumentação retórica, como também naqueles em que se evidencia o percurso narrativo ou em que se configura a ideologia americana. Também fundamentos da lingüística textual podem ser usados para caracterizar coesão e coerência nesse tipo de texto, em que enunciados mínimos facultam máximo de sugestão. Pretende-se, neste trabalho, que análise e renovação teóricas mostrem as histórias em quadrinhos como um material lingüístico que prima por características muito peculiares de realização e muito práticas de utilização.

PERSPECTIVAS MULTIDISCIPLINARES DA TRADUÇÃO

27 – 16h30 – D28

Maria Paula FROTA (PUC/Rio) – Coordenadora
Marcia A. P. MARTINS (PUC/Rio)
Paulo OLIVEIRA (UNICAMP)

A reflexão sobre a atividade tradutora segundo perspectivas disciplinares distintas constitui o traço coordenador dos três trabalhos que integram essa sessão. Perspectivas disciplinares não só distintas entre

si – psicanálise, história, cinema e televisão – como também distintas, e críticas, de postulados que, originalmente concebidos nas áreas da lingüística e da literatura, desde sempre constituem o principal arsenal teórico dos estudos tradutórios. Assim, as três comunicações – desenvolvidas a partir de teses de doutorado recentemente concluídas – colocam em foco a *bi*disciplinaridade original dos estudos da tradução e propõem a sua multiplicação e o seu questionamento. É preciso sublinhar que, ao deslocarmos para a tradução conhecimentos de outros campos, necessariamente operamos uma revisão (ou mesmo revolução) no estado e no ideal teóricos daqueles estudos. - A morte do Autor, no âmbito dos estudos da tradução, redundou em um grave silenciamento acerca da dimensão subjetiva. Com a psicanálise podemos superar tal lacuna, sem recair no individualismo ou restringir o sujeito às suas determinações socioculturais. A perspectiva histórica e os métodos de pesquisa próprios ao paradigma descritivista propicia a construção não só de hipóteses plausíveis a respeito das condições em que foram realizadas séries de traduções em um mesmo sistema receptor, como também de histórias da atividade tradutória, as quais podem ter diferentes focos: tradutores, textos traduzidos, reflexões teóricas. Ao alargarmos a noção de texto e compreendermos a tradução como "transformação regulada", estaremos abandonando a sacralização do texto de partida e a redução do estudo das adaptações literárias para cinema e televisão às incompatibilidades de linguagem. Nesse processo, revelam-se diferenças já inscritas tanto no original quanto no seio de cada sistema expressivo.

SOBRE A ELABORAÇÃO DE DICIONÁRIOS

27 – 16h30 – C20

Beatriz Nunes de O. LONGO (UNESP) – Coordenadora
Francisco da Silva BORBA (UNESP)
Camila HÖFLING (PG–UNESP)
Patrícia TOSQUI (PG–UNESP)
Márcia Helena F. V. ARNOLD (PG–UNESP)

A tradição lexicográfica brasileira tem-se aproveitado pouco dos resultados das pesquisas lingüísticas. A descrição gramatical, nos dicionários de maior circulação no país, limita-se a especificações da classe gramatical e sobre alguns traços de ordem morfológica. De modo geral, somente no caso dos verbos aparecem informações sobre a estrutura argumental, sempre vinculada ao modelo sintático tradicional. Esta sessão destina-se à apresentação de trabalhos desenvolvidos junto ao Centro de Estudos Lexicográficos da Faculdade de Ciências e Letras, Câmpus de Araraquara - UNESP, idealizado e coordenado por Francisco da Silva Borba. Os trabalhos tomam como ponto de partida o estudo da estrutura argumental e temática de determinadas categorias lexicais - nome, verbo, adjetivo e advérbio -, analisando algumas de suas propriedades morfossintáticas e semânticas com o intuito de fornecer subsídios para a elaboração de dicionários. Procura-se evidenciar como os resultados de estudos lingüísticos podem ser aproveitados pela lexicografia, focalizando-se os seguintes subtemas: (a) o processo de montagem de verbetes num dicionário de usos; (b) os tipos de definição num dicionário bilíngüe e uma proposta de definição híbrida; (c) a abordagem e o tratamento da metáfora nas definições de nomes concretos relativos aos campos da botânica e da zoologia; e (d) as subcategorizações e a apresentação lexicográfica dos adjetivos e advérbios num dicionário bilíngüe, com referência especial às questões de posição e correlação morfossemântica.

LÍNGUA PORTUGUESA PARA FINS ESPECÍFICOS: EDUCAÇÃO Á DISTÂNCIA VIA INTERNET

28 – 16h30 – C18

Sueli Cristina MARQUESI (PUC/SP e UNICSUL) – Coordenadora
Mercedes Fátima de Canha CRESCITELLI (PUC/SP)
Carlos Augusto Baptista de ANDRADE (UNICSUL; PG–PUC/SP)
Vanda Maria da Silva ELIAS (UNICSUL; PG–PUC/SP)

O presente trabalho tem por objetivo discutir uma metodologia para o ensino de Língua Portuguesa a distância, via Internet, apresentando resultados do projeto de pesquisa "Ensino de Português para Fins Específicos". Partindo de fundamentos teóricos da Ciência do Texto, especificamente de vertentes que tratam da interação pela linguagem, apresenta-se a análise de aspectos teóricos que orientam a proposta de atividades para o ensino dentro do universo das novas tecnologias, bem como a discussão de algumas dessas atividades. Os resultados obtidos revelam que: 1) diagnóstico, planejamento, execução e avaliação devem se alternar no processo de ensino via rede digital; 2) estratégias textuais e discursivas garantem a eficácia do material produzido para esse fim; 3) a operacionalização de um programa de educação á distância deve garantir mais do que a recepção de conteúdo e a execução de atividades, propondo a interação, a reflexão e o diálogo por meio da máquina.

ASPECTOS PROSÓDICOS DA ORAÇÃO "AVE MARIA"

28 – 16h30 – C20

Adriana Silvia MARUSSO (UFOP) – Coordenadora
Leandra Batista ANTUNES(PG – UFMG),
Mário Alexandre Garcia LOPES(PG – UFMG)
Adriana Ferreira NASCIMENTO(PG – UFMG)

Este trabalho tem como objetivo descrever e analisar alguns aspectos da prosódia da oração "Ave Maria". Considera-se que essa oração possui como característica uma estrutura prosódica fixa, com pausas, melodia, acentos e ritmo bem delimitados, por se tratar de uma fala ritual realizada na maioria das vezes em conjunto. Para essa pesquisa, foi feita uma análise acústica - através dos programas WinPitch e SoundScope - de dois *corpora*: um com nove informantes, sendo cinco do sexo masculino e quatro do feminino, do dialeto de Belo Horizonte - MG, outro com dez informantes do dialeto de Ilhéus - BA, sendo cinco do sexo masculino e cinco do feminino. Essa análise foi feita para verificar a existência de variações na prosódia da oração. Foram estudados os aspectos do ritmo e da melodia, mais precisamente, a melodia do vocativo e a duração das pausas finais dos dialetos de Belo Horizonte e de Ilhéus; bem como os contornos melódicos finais e a estrutura rítmica do dialeto de Belo Horizonte. Os dados apontam para diferenças prosódicas como: variações na velocidade de fala e na estrutura rítmica da oração; padrões distintos para os vocativos nos dois dialetos; acentos em posições distintas dentro dos contornos melódicos finais; pausas finais diversificadas, dentre outros aspectos.

LEITURA(S), LEITORE(S) E ENSINO DA LÍNGUA MATERNA

27 – 16h30 – C18

Maria Adélia Ferreira MAURO (USP) – Coordenadora
Norma Seltzer GOLDSTEIN (USP)
Gisela Pinheiro LIMA (PG–USP)
Jauranice RODIGUES CAVALCANTI (PG–USP)

Em torno do tema, articulam-se pesquisas que têm como objeto a própria leitura, o leitor e os textos que se oferecem à leitura ou que "orientam" essa atividade no âmbito do ensino da língua materna. Partindo da prática, mas não se restringindo a ela, os estudos buscam formular um construto teórico que

"ilumine", explane e ofereça caminhos para uma qualificação dessa mesma prática, sem a pretensão de uma "didatização" imediata de procedimentos ou resultados. Assim, os dados (ainda provisórios) oferecem à reflexão um conjunto de aspectos teórico - práticos que envolvem a questão da leitura. MAURO discute a permanência, na prática da leitura, de procedimentos mais próximos de um entendimento de "ler para desenvolver habilidades" do que daqueles que reforcem uma concepção de leitura como atividade "com a linguagem" e "sobre a linguagem". LIMA analisa o "roteiro de leitura" do livro didático, pelo viés da semiótica discursiva, desvelando os traços que indiciam uma concepção empobrecida de leitura e de leitor aí implicado. Deslocando a atenção para a figura do leitor, CAVALCANTI, na perspectiva da AD francesa, reflete sobre "quem é o leitor" presentificado no fio do(s) discurso(s) ou texto(s) que têm o público infantil como alvo. Nessa mesma perspectiva GOLDSTEIN analisa a relação entre leitor, tipo de texto e estratégias de leitura.

DOCUMENTOS BRASILEIROS DO SÉCULO XVIII PARA ESTUDO LINGÜÍSTICO

27 – 16h30 – D26

Heitor MEGALE (USP) – Coordenador
Keila Makarovski GALVÃO (PG–USP)
Manoel Mourivaldo SANTIAGO ALMEIDA (UFMT/PG–USP)
Renato Hugo DE FELICE FILHO (PG–USP)

Apresenta-se lição semidiplomática de quatro documentos notariais brasileiros do século XVIII, entre os colhidos em pesquisa do Projeto Filologia Bandeirante, sendo o primeiro: "testamẽto" de João da Costa Guimarães, datado de Taubaté, em 20 de março de 1729, tendo sido essa lição estabelecida por Lia Carolina Prado Alves Mariotto, paleógrafa do Arquivo Histórico de Taubaté; o segundo: "instromento de Escriptura derenuncia, Trespaso dapropriedade doOfficio", datado de São Paulo, em 30 de setembro de 1732; o terceiro: "Relatorio sobre asjuntas quesefizeraõ naVilla Real do Senhõr Bom Jezus do Cuyabâ", datado na dita Vila, em 18 de julho de 1737 e o quarto: "carta de Sysmaria", datada na Vila e Praça de Santos, em 16 de junho de 1748. Para a execução do trabalho filológico seguem-se as "Normas para transcrição de documentos manuscritos para a História do Português do Brasil" elaboradas pela Comissão formada pelos seguintes pesquisadores: César Nardelli Cambraia (USP), Gilvan Müller de Oliveira (UFSC), Heitor Megale (USP), Marcelo Modolo (mestrando-USP), Permínio Souza Ferreira (UFBA), Silvio de Almeida Toledo Neto (USP), Tânia C. Freire Lobo (UFBA), Valdemir Klamt (UFSC), e aprovadas no Segundo Seminário para a História do Português Brasileiro realizado em Campos do Jordão, em maio de 1998. A cada documento editado seguem indicações de estudo lingüístico que permitem levantamento de dados interessantes para uma descrição do estado de língua da época. Assim, são apontadas, por exemplo, formas hoje consideradas não-padrão que encontram registro habitual em textos da natureza desses documentos em fins do século XVII e durante o século XVIII, no Brasil.

VARIEDADES DISCURSIVAS EM SITUAÇÃO DE INTERAÇÃO ADULTO-CRIANÇA

27 – 16h30 – C15

Lélia Erbolato MELO (USP) – Coordenadora
Alessandra DEL RÉ (PG–USP)
Célia Esteves da SILVA (PG–USP)
Márcia Regina C.P. MARIANO (PG–USP)
Maristela Piraíno MARTINS (PG–USP)

O objetivo deste trabalho é descrever e ilustrar as estratégias utilizadas na realização de diferentes atividades, por ocasião das trocas verbais adulto-criança. Seguindo a perspectiva inaugurada por Wood,

Ross e Bruner (1976, 1983) e desenvolvida por F. François (1993, 1996), mostraremos como os propósitos do adulto sustentam os das crianças na execução de tarefas em determinadas situações (como narrar, descrever, explicar...). Retomando o modelo bakhtiniano que vê em todo enunciado um elemento da cadeia dialógica, é possível considerar que o adulto ocupa em relação ao discurso que se constrói nessa interação três posições principais: uma que incita a criança a falar, outra que preencheria a ausência eventual de discurso da criança, e uma terceira que viria como reação à sua produção verbal. Com base na análise de material coletado, vemos, então, que o adulto pode assumir vários papéis: a) ou de alguém que dá ordem, expõe um saber; b) ou de alguém que encoraja a criança em suas tentativas de "mise em mots" (ou de verbalização). Por outro lado, ele se apresenta também, outras vezes, com a intenção de trazer sua própria contribuição para a elaboração discursiva. Reformulando um pouco o que acabou de ser exposto, poderíamos dizer que o adulto ora enquadra o discurso da criança, ora participa, como a criança, da realização da tarefa verbal, o que explicaria, portanto, os entrelaçamentos dos papéis de enquadramento e de co-participação.

ESTUDOS DIACRÔNICOS DO PORTUGUÊS

27 – 16h30 – D25

Clotilde de A. Azevedo MURAKAWA (UNESP) – Coordenadora
Gladis MASSINI-CAGLIARI (UNESP)
Marymarcia GUEDES (UNESP)
Rosane de ANDRADE BERLINCK (UNESP)

A proposta desta Sessão de Comunicações Coordenadas se insere dentro da linha de estudos históricos que pretende promover a união entre a abordagem da evolução histórica da língua, suas mudanças e variações, e as metodologias da Lingüística atual em cada uma das quatro áreas do projeto *Estudos Diacrônicos do Português*, a saber: Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Lexicografia/Lexicologia. O projeto reúne os trabalhos em Lingüística Histórica que vêm sendo desenvolvidos já há algum tempo na UNESP-FCL/Araraquara. Os trabalhos apresentados nesta sessão compreendem duas modalidades, dentro da Lingüística Histórica: a descrição de processos lingüísticos relativos a um momento passado da língua (sincronia do passado) e a descrição da evolução histórica de determinado(s) fenômeno(s) lingüístico(s) no tempo (diacronia). Dentro da Fonologia, será apresentado um estudo dos processos de sândi vocálico externo no Português Arcaico, que permitem diferenciar duas classes de monossílabos do tipo CV, na língua dos trovadores medievais portugueses: os tônicos e os átonos. Na morfologia, a descrição dos sufixos apreciativos e avaliativos do Português do século XIX serão objetos de análise. Os fatos lingüísticos observados permitem argumentar que esses sufixos constituem duas realidades distintas: aqueles que mudam e aqueles que não mudam a classe gramatical da base a que se agregam, não justificando o tratamento dado a eles, até agora, nas análises mais tradicionais. Em Sintaxe, será discutida a expressão variável do objeto indireto anafórico em textos do Português Brasileiro do século XIX em função do fator "distância entre o complemento e seu antecedente". No âmbito da Lexicografia, a partir da análise de definições em dicionários da língua portuguesa de diferentes autores e épocas, abrangendo os séculos XIX e XX, tenta-se confirmar a hipótese de que a definição possui um ou mais traços semânticos que permanecem invariáveis ao longo do tempo, havendo variação de natureza cultural no restante da definição.

CONTABILIDADE E QUANTIFICAÇÃO NO SINTAGMA NOMINAL DO PORTUGUÊS DO BRASIL

8 – 16h30 – D27

Gelza M. NUNES-PEMBERTON (PG–USP) – Coordenadora
Bruno FAVARETTO (PG–USP)
Hardarik BLÜHDORN (USP)
Maristela dos Santos PRADO (PG–USP)

Os trabalhos apresentados nessa sessão têm como ponto em comum a caracterização de propriedades de contabilidade e quantificação dentro do sintagma nominal do Português do Brasil sob diferentes perspectivas. O estudo de Blühdorn e Favaretto discute o conceito de contabilidade em relação aos substantivos do Português. A partir de argumentos morfológicos, sintáticos e semânticos, o trabalho desenvolve a hipótese de que o português brasileiro contemporâneo não possui substantivos contáveis, mas somente não-contáveis e neutros em relação à contabilidade. O trabalho de Nunes-Pemberton apresenta o caráter quantificacional de alguns adjetivos do Português (*inúmeros, diversos, determinados, certos, variados, diferentes*). Dentro do quadro teórico da Gramática Gerativa, a autora demonstra que, quando estão antepostos ao nome dentro do sintagma nominal, esses adjetivos se comportam como quantificadores, apresentando as propriedades de escopo e/ou pressuposição de existência. Seguindo a tipologia de quantificadores de Beghelli e Stowell (1995), quando antepostos, *inúmeros* e *diversos* são sintagmas quantificadores de contagem; *determinados* e *certos* são sintagmas quantificadores de grupo. Por sua vez, *variados* e *diferentes* são "subkinds". O trabalho de Prado descreve as propriedades de sintagmas nominais associados a processos de quantificação encontrados nas gravações do Projeto NURC (Norma Urbana Culta). Esses sintagmas possuem uma estrutura bipartida e articulada pela preposição *de*: o quantificador aparece antes da preposição e o nome quantificado aparece depois da preposição. A partir da tipologia de quantificadores de Peres (1992) e das concepções semânticas e sintáticas de quantificação, demonstram-se quais são os processos de quantificação que estão em jogo nesses sintagmas nominais, justificando as propriedades que eles possuem.

TEXTOS PORTUGUESES DO XIII AO XV: ESTUDO LINGÜÍSTICO

28 – 16h30 – D25

Teresa Leal Gonçalves PEREIRA (UFBA) – Coordenadora
Sílvio TOLEDO NETO (USP)
Rosauta Maria Galvão Fagundes POGGIO (PG–UFBA)
Permínio Souza FERREIRA (PG–USP)

O estabelecimento de texto fidedigno com critério científico preconizado pela crítica textual que sirva ao estudo de Lingüística Histórica tem sido a grande preocupação do labor filológico de quantos têm se debruçado sobre manuscritos, mormente os mais antigos. Dentre os vários tipos de edições, seja semi-diplomática ou crítica, o critério de sua elaboração tem privilegiado a busca da lição conservadora, por respeitar o estado de língua da época, propiciando corpora para a pesquisa lingüística. Assim se apresenta o projeto de edição e de glossário das *Inquirições de D. Dinis* de 1284, e se procede a estudos lingüísticos, como o da *Gramaticalização de preposições do português*, na versão mais antiga de que se tem conhecimento dos 'Diálogos de São Gregório' do século XIV. Apresenta-se, ainda, a análise das variantes e das formas arcaicas em manuscritos de natureza bem distinta, ambos do século XVI: o *Livro de José de Arimatéia* e o *Livro de marinharia*. Esses dois textos são comprovadamente cópias de original mais antigo.

ESTUDOS GEOLÍNGÜÍSTICOS NO BRASIL:NOVAS E BOAS NOTÍCIAS

27 – 16h30 – D24

Ismael PONTES (UEL) – Coordenador
Harumi PISCIOTTA (UBC)
Dercir Pedro de OLIVEIRA (UFMS)
Judite Gonçalves de ALBUQUERQUE (UNEMAT)

Essa sessão tem como objetivo apresentar os mais recentes estudos na área da geolingüística em quatro IES: Unemat, UFMS, UBC e UEL. ALBUQUERQUE apresenta o Projeto Atlas Lingüístico do Mato Grosso, em andamento. Esse projeto tem uma estrutura organizacional multicampi, contando com potenciais pesquisadores em dez campi universitários espalhados em diversas regiões do Estado. OLIVEIRA mostra os resultados obtidos até o momento no Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul: entrevistas realizadas, metodologia adotada na transcrição dos dados, experiência vivenciada no trabalho na região do Pantanal, apontando a importância do trabalho dialetológico como forma de resgate da visão de um grupo. PISCIOTTA examina, nos atlas regionais publicados no Brasil, o léxico utilizado para designar alguns elementos da natureza, tais como o arco-íris, a via láctea e o granizo. Nos diversos atlas, as cartas sobre esses temas apresentam em comum a riqueza de variantes lexicais e os tabus lingüísticos que impedem a nomeação direta do referente. Verifica-se, também, que os termos anotados revelam a concepção de mundo dos falantes e, em muitos casos, apresentam as mesmas motivações semânticas registradas em dados de atlas lingüísticos europeus. PONTES trata da utilização de cálculos probabilísticos em dados geolingüísticos. Num estudo preliminar sobre o alçamento da vogal pretônica média anterior no falar rural paranaense mostra que a quantificação de dados através de instrumento estatístico cientificamente confiável constitui um método de análise viável para o estudo da variação diatópica. Analisando-se onze cartas fonéticas do Atlas lingüístico do Paraná – ALPR (Aguilera, 1994) –, delimitam-se áreas geográficas em que predomina a variante [e] e áreas em que predomina a variante [i].

MEMÓRIA: DE CÍCERO A BILL GATES

28 – 16h30 – C17

Rosimar de Fátima SCHINELO (UFU) – Coordenadora
Luis Augusto Schmidt TOTTI (UNESP)
Marco Antonio VILLARTA-NEDER (UNIVAP)

A escrita não apenas foi instrumento importante na ascensão do Império Romano e na consolidação de seu domínio, como também constituiu um dos principais pilares em que se fundamentou a civilização romana e as que dela se originaram. Caminhar pelas trilhas da escrita é deparar-se com a história coletiva focada pelo olhar de alguns autores que em seus percursos foram deixando marcas recuperáveis por um leitor cuidadoso. É através dessas marcas que o grupo fará análise de alguns textos buscando indícios apagados pela própria história de sua produção, resgatando marcas enunciativas que acompanhem o desenrolar do fio tecido e desate cada nó revelando, assim, a tessitura de uma escrita histórico social. A apresentação será pautada por: (i) Uma análise da concepção do processo de produção de textos orais versus a concepção do processo de produção escrita aplicadas a oratória na Roma antiga; (ii) Um contraponto entre a memória discursiva escrita e a memória discursiva oral; (iii) O apagamento das marcas enunciativas de produção feitas pelo sujeito enunciador no momento em que ele converte arquivos, "escancia", imprime documentos antigos etc... O grupo pretende fazer uma reflexão sobre aspectos da oralidade e da escrita sob o ponto de vista da memória como técnica de oratória e da memória discursiva.

O PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA RELAÇÃO SUJEITO-LINGUAGEM: REFLEXÕES SOBRE A AQUISIÇÃO E O ENSINO DA LEITURA E DA ESCRITA

27 – 16h30 – C16

Luciano Novaes VIDON (PG–UNICAMP) – Coordenador
Geruza Ferreira de Lima TANAKA (PG–UNICAMP)
Rosana Mara KOERNER (PG–UNICAMP)
Sandoval Nonato Gomes SANTOS (PG–UNICAMP)

A partir de uma concepção sócio-histórica de linguagem, baseada principalmente nos estudos de Bakhtin (1929, 1952-3) e de Vygotsky (1930), buscamos, nesta comunicação, abordar o processo de constituição da relação sujeito e linguagem e da relação sujeito-outro por meio da: (i) análise de textos produzidos por crianças em diferentes momentos de escolarização, buscando discutir aspectos de ordem teórica como os conceitos de autoria, de estilo, de heterogeneidade, de dialogia e de gênero, conforme propostos pelas teorias do discurso, bem como as implicações pedagógicas que daí decorrem – os processos de escolarização do leitor e do escrevente e as rupturas possíveis dos modelos de escolarização que circulam na escola; (ii) análise da interação entre professor e aluno em eventos de alfabetização formal, buscando apreender os mecanismos de institucionalização das atividades de leitura e de escrita no *fazer pedagógico* de sujeitos-professores. Em termos metodológicos e até em decorrência da concepção de linguagem por que optamos, tomamos como metodologia de investigação um modelo eminentemente qualitativo, que busca apreender indícios da relação a que nos referimos - sujeito-linguagem e sujeito-outro – no processo mesmo de constituição desses sujeitos na/pela linguagem. Embora reconhecendo a relevância do *produto material* do ponto de vista operatório da análise, nosso interesse, como se pode constatar, volta-se ao *processo* e não somente ao *produto* das práticas de aquisição da linguagem.

O PROJETO "ESTUDO HISTÓRICO-DESCRITIVO DOS VOCÁBULOS DE ORIGEM INDIANA NA CONSTITUIÇÃO DO LÉXICO DO PORTUGUÊS E DA LÍNGUA DO BRASIL"

28 – 16h30 – D29

Maria Valíria Aderson de Mello VARGAS (USP) – Coordenadora
Lilian Proença de Menezes MONTENEGRO (USP)
Mário FERREIRA (USP)

O projeto em epígrafe integra o projeto "História das Idéias Lingüísticas no Brasil: ética e política das línguas", que está sendo desenvolvido por pesquisadores da UNICAMP, da USP e da École Normale Supérieure de Fontenay/Saint Cloud, e que tem, por objetivo geral, favorecer o conhecimento sistemático da história da língua portuguesa no Brasil e da constituição de um saber sobre ela. As comunicações apresentadas nesta sessão enquadram-se, no âmbito do projeto-chave, em linha de pesquisa que tem por meta estudar a história da constituição do léxico brasileiro. Preliminarmente, argumenta-se que o projeto se justifica pela necessidade de desenvolver estudos de lexicologia, lexicografia e etimologia das palavras de origem indiana presentes no português. Propõe-se, assim, verificar a utilização dessas unidades do léxico como reveladoras de sistemas de valores de diferentes culturas que deixam suas marcas ideológicas nos discursos em que se manifestam. A seguir, mediante o estudo da obra de referência *Glossário indo-asiático*, de Sebastião Rodolpho Dalgado (Lisboa, Imprensa Nacional, 1919-1921), procura-se demonstrar que a expansão do português no oriente constituiu um verdadeiro processo de línguas em contato, tendo ocorrido intenso e dinâmico movimento de trocas, assimilações e empréstimos interidiomáticos. Por fim, analisam-se os vocábulos do léxico das línguas da Índia, tais como constam no *Tratado do Pe. Gonçalo Fernandes Troncoso sobre o hinduísmo (Maduré, 1616)* (ed. crítica de José Wicki, Lisboa, Centro de Estudos Históricos Ultramarinos, 1973), obra que oferece a oportunidade de aquilatar, referindo-lhes a ideologia subjacente, os termos empregados em manuscritos dos missionários enviados à Índia, a partir do século XVI, com vistas à evangelização dos povos indianos.

MANOEL DE BARROS: O ENCANTADOR DE PALAVRAS

27 – 16h30 – D29

Rosana Cristina ZANELATTO SANTOS (UFMS) – Coordenadora
Orlando Antunes BATISTA (Faculdades Adamantinenses Integradas)
Marileusa Ferreira da SILVA (PG–UNESP)
Ana Maria dos Anjos MARTINS (PG–UFMS)

Considerado pela crítica especializada e pelos leitores uma das maiores expressões vivas da poesia de língua portuguesa, Manoel de Barros é um daqueles poetas que vem para instaurar a dúvida acerca do que se julga tradicionalmente literário e, por conseguinte, impulsionar-se rumo à busca constante de uma expressão (re)novada. Sua poesia não é mera descrição epifânica de um determinado espaço geográfico, o Pantanal; ela o extrapola para tentar abarcar um mundo em mutação, o mundo das palavras, ofertando ao leitor nada além de sua própria poética. A palavra é o eixo central da poesia manoelina; a natureza não é cenário; ela é, também, construção lúdico-poética. O poeta convida o leitor a aprender a jogar o jogo da palavra, descortinando-lhe um universo que se modifica e reinventa-se amiúde; é uma tentativa de transformar o homem no *homo verbum*. Essas assertivas orientarão esta sessão coordenada, que, tendo como objeto de análise a poesia de Manoel de Barros, discutirá os seguintes aspectos da produção do poeta sul-mato-grossense: a viagem do poeta pela realidade e a passagem por diversas iniciações para a descoberta de sua verdadeira identidade (BATISTA); com base nos princípios da crítica genética e valendo-se de perspectivas estilísticas e psicanalíticas, procurar desvendar o processo de criação do manuscrito de *Concerto a céu aberto para solo de aves* (SILVA); considerando a perspectiva de Paul Ricoeur diante da metáfora, analisar o uso da metáfora aquática nas obras *O guardador de águas* e *Arranjos para assobio* (MARTINS); a herança da poética de Alberto Caeiro na obra de Manoel de Barros, considerando a perspectiva fenomenológica (ZANELATTO SANTOS).

POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS: IMPLANTAÇÃO, EXPANSÃO E NORMATIZAÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

28 – 16h30 – D26

Neusa Maria Oliveira Barbosa BASTOS (PUC/SP–Mackenzie) – Coordenadora
Marilena ZANON (PG–PUC/SP)
Nancy dos S. CASAGRANDE (PG–PUC/SP)
Rosemeire Leão da S. FACCINA (PG–PUC/SP)

O presente trabalho objetiva refletir sobre os movimentos da Língua Portuguesa através dos séculos, enfocando as implicações culturais referentes às políticas lingüísticas adotadas em diversos momentos. Centra-se na Análise do Discurso de linha francesa e busca procedimentos metodológicos na Historiografia Lingüística para o desvendamento das formas de implantação, expansão e normatização do ensino de Língua Portuguesa sob prismas históricos sucessivos e descontínuos. Os resultados que ora se apresentam são parciais e reveladores : 1. das condições de produção do discurso de textos de Língua Portuguesa, em Portugal, no século XVI; 2. Das transformações ocorridas na expansão da Língua Portuguesa no Brasil no século XVII; 3. das alterações vivenciadas pelo colonizador em relação às novas posturas metodológicas no ensino de Língua Portuguesa no século XVIII; 4. dos entraves para uma normatização desencadeadora do desenvolvimento ao ensino de Língua Portuguesa no século XX. Em síntese, por meio de nossas considerações, podemos asseverar que há inúmeras causas que levaram os colonizadores portugueses à adoção de uma política expansionista com ênfase na implantação da própria Língua Portuguesa. No que diz respeito às questões de ensino, a eficácia foi incontestável, pois implantaram seu idioma pátrio a todos os colonizados.